

## MEMÓRIA E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: A QUESTÃO DOS ARQUIVOS ESCOLARES

*Diogo Franco Rios  
Universidade Federal de Pelotas  
riosdf@hotmail.com*

### **Resumo:**

Atualmente, enfrenta-se uma realidade bastante delicada no que diz respeito às práticas de organização e preservação de documentos escolares, onde o descarte tem comprometido a memória institucional. O cuidado com a preservação da memória institucional relacionada às práticas de ensino e aprendizagem não deveria ser uma preocupação exclusiva dos pesquisadores, mas, igualmente, dos professores, uma vez que a realização dessa tarefa pode lhes oferecer uma contribuição significativa, proporcionando o entendimento de como foram apropriadas, na sua instituição, as propostas de modernização do ensino que circularam em diferentes períodos, inclusive identificando peculiaridades que foram lá praticadas. Este minicurso se propõe a discutir com os professores o lugar que eles podem ocupar, no âmbito da instituição em que atuam, nos processos de seleção, coleta, organização, guarda e divulgação da memória do ensino de matemática que foi ali praticado e que se constitui em fonte potencial para futuras pesquisas na área.

**Palavras-chave:** Memória; Arquivos escolares; História da Educação Matemática

### **1. Introdução**

Os temas de pesquisas relacionados à História da Educação Matemática no Brasil têm se voltado, nos últimos tempos, para processos de apropriação e institucionalização de padrões modernos do ensino de matemática, ao longo do século XX. As pesquisas buscam contemplar aspectos regionais, culturais e sociais relacionados à temática e avançam no sentido de analisar como tais aspectos se configuraram em peculiaridades das práticas de ensino e de aprendizagem no interior das escolas brasileiras onde houve tentativas de modernização do ensino de matemática no período referido.

Esse interesse acompanha a ampliação, no âmbito da historiografia da educação, de vertentes ligadas à história cultural que vêm incorporando uma variedade de novos objetos, não se fixando mais apenas na compreensão dos sistemas educativos ou nas legislações a eles associadas. O interesse também recai nas práticas educativas e culturais existentes no interior das escolas, atribuindo importância ao resgate da história, da memória e da

identidade dos diversos grupos que se formaram no interior dessas instituições, a partir dos seus próprios discursos.

O acesso a vestígios do passado das instituições escolares, especificamente aqueles relacionados aos modos de ensinar e aprender matemática, é imprescindível para que se possa avançar na direção de compreender melhor as variedades de práticas modernizadoras do ensino de matemática nos diferentes estados do país. Segundo Vidal,

[...] a guarda dos objetos escolares, como globos, carteiras, material dourado, projetor de slides, lanterna mágica, sólidos, museus escolares, dentre outros, é importante, na compreensão de que os objetos portam pistas das múltiplas maneiras como professores e alunos constituíram inteligibilidades e suscitaram a investigação sobre as diferenciadas formas de sua apropriação [...] e fazendo-o recordar que as situações pedagógicas se constroem muito frequentemente por formas orais de socialização. (2005, p. 24)

Referindo-se mais propriamente aos documentos, no âmbito da história da educação em Portugal, Felgueiras reconhece a importância que eles possuem para a produção de análises históricas de aspectos relacionados à cultura escolar:

[...] estudar a educação hoje significa prestar atenção à densidade histórica do sistema educativo, nos contextos concretos de realização, expresso numa cultura material que, simultaneamente, traduz as concepções de uma sociedade e manifesta as condições em que puderam ocorrer (2005, p. 94).

Apesar da defesa desse ponto de vista por diferentes historiadores da educação, enfrenta-se uma realidade bastante delicada no que diz respeito às práticas arquivísticas, tanto de organização quanto de preservação de documentos, no âmbito das instituições escolares. Reconhece-se que os espaços destinados aos arquivos não são capazes de suportar o volume de materiais produzidos cotidianamente (JULIA, 2001). Isso acaba por justificar o descarte de boa parte deles, sendo preservados basicamente aqueles relacionados ao registro da trajetória dos alunos e que ocupam uma função comprobatória de seus percursos acadêmicos.

As políticas públicas de preservação do nosso patrimônio cultural, particularmente da memória educacional, ao admitir ou, mesmo, orientar um descarte generalizado dos documentos relacionados às práticas de ensino, suporte para o registro da memória institucional (em especial, os de matemática), acabam por comprometer a memória institucional e, conseqüentemente, constituir em um desafio adicional às pesquisas que pretendam tomar fontes dessa natureza para realização de suas análises (VALENTE, 2005).

Existem diversos mecanismos de resgate da memória escolar. Os trabalhos que utilizam a história oral e a análise de documentos pessoais de personagens que participaram dos processos de modernização do ensino, por exemplo, têm contribuído para o resgate de parte importante da memória das instituições escolares e das práticas de ensino e aprendizagem de matemática, produzindo, nos últimos anos, ricas e diversificadas análises a respeito. Tais produções, contudo, em função da própria natureza das fontes com que vêm trabalhando, por vezes, deixam escapar aspectos que poderiam ser mais facilmente analisados a partir de documentos institucionais.

A importância das fontes documentais institucionais para a preservação da memória educacional se evidencia ainda mais ao considerarmos que somos diferentes das sociedades tradicionais, que preservavam suas memórias a partir dos rituais orgânicos de transmissão para as gerações mais novas, mantendo com elas um forte sentimento de continuidade. A memória, em sociedades como a nossa, na qual se privilegia o novo ao invés do antigo e o futuro ante o passado, é mantida, basicamente de maneira residual e confinada em lugares socialmente legitimados para depositá-la, a exemplos dos museus e dos arquivos públicos, transferindo para tais depósitos a responsabilidade de portarem o testemunho do passado para as gerações vindouras, nas quais já quase não se mantêm as práticas coletivas de recordação do vivido (NORA, 1993).

Pode-se dizer que a preservação dos documentos referentes às práticas da educação matemática nas escolas adere bem à necessidade contemporânea, individual e coletiva, de se fazer percebido, de registrar de alguma maneira sua presença no mundo e na história, com o intuito de ser preservado e se fazer lembrar pelas próximas gerações. Sem esse recurso, dificilmente as contribuições deixadas, com suas características e identidade seriam lembradas por muito tempo, dada a quantidade de informações novas que se agregam e da velocidade com que as mudanças ocorrem na sociedade atual.

O simples acúmulo de documentos produzidos cotidianamente na e pela escola não constitui ferramenta de preservação do esquecimento das experiências vividas na instituição. É preciso tornar os espaços depositários desses materiais *lugares de memória*, articulando as dimensões material, simbólica e funcional desses resíduos do cotidiano escolar em favor da construção de um sentido coletivo para preservá-los. Demanda-se em um esforço para encontrar a justa medida entre a organização e o descarte, de modo a constituir, entre o acervo histórico e o corrente, um elo de continuidade e funcionalidade. Segundo Vidal (2005, p. 22), a constituição de espaços como esse se projetam para “além

da lógica administrativa, como um lugar de freqüência de pessoas e produção de práticas escolares, [e que] pode permitir que novas visões da e sobre a escola sejam produzidas no presente e no futuro”.

Será a partir dessa reorganização arquivística da memória educacional escolar com um redimensionando tanto do descarte quanto da organização que se poderá favorecer que, personagens que participaram dos processos de implementação de variadas propostas de ensino de matemática, com as formas de apropriação ali praticadas, tenham a oportunidade ter preservadas suas memórias, valores e peculiaridades, em espaços onde as novas gerações poderão ter condições de aprender como, nas gerações precedentes, seus antecessores atuaram e construíram valores que lhes foram deixados.

## **2. O professor e a preservação documental**

O professor que estiver lendo este texto para definir sua participação em um minicurso do ENEM pode estar se perguntando: para além de possivelmente ter interesse em ler tais materiais se, por ventura existirem em minha escola, o que mais esse assunto tem a ver comigo? Em que isso pode me interessar, se eu não pretender realizar uma pesquisa nesse campo? Ou, ainda, o que um curso que vai debater organização e preservação de documentos escolares está fazendo em um evento voltado para professores de matemática?

Ainda que, à primeira vista, esse debate possa parecer estranho aos professores de matemática, defendo aqui que o cuidado com a preservação da memória institucional relacionada às práticas de ensino e aprendizagem não deveria ser uma preocupação exclusiva dos pesquisadores, mas, igualmente, dos professores de matemática. A preservação desses materiais, como já afirmou Vidal,

[...] não serve apenas a uma escrita sobre a escola (no bojo de pesquisas historiográficas ou não), mas atende aos interesses de construção de vínculos entre os fazeres atuais e pretéritos no interior da escola, por parte dos professores, professoras, alunos e alunas, de maneira a constituir o arquivo escolar [...] em um lugar de memória (2005, p. 23).

Pode-se afirmar que o conhecimento das práticas institucionais desenvolvidas ao longo da existência da escola pode favorecer ao professor compreender melhor a trajetória das práticas educativas com as quais ele se depara em seu cotidiano.

Este minicurso propõe discutir com os professores a importância da memória educacional das práticas escolares de matemática e como ela se constitui em fonte potencial para a história da educação matemática. Destacaremos o lugar que eles podem ocupar, no âmbito da instituição em que atuam, nos processos de coleta, seleção, descarte, organização, guarda e divulgação da memória do ensino de matemática que foi ou está sendo ali praticado e que se constitui em fonte potencial para futuras pesquisas na área.

Além disso, discutiremos ainda a contribuição significativa que a realização dessas tarefas pode oferecer para o professor, proporcionando o entendimento de como as propostas de modernização do ensino que circularam em diferentes períodos foram apropriadas na sua instituição, inclusive identificando peculiaridades que foram lá praticadas.

Será evidenciado também o modo como a aproximação com a memória institucional e o esforço empreendido em sua preservação podem possibilitar, aos professores e demais envolvidos, o engajamento em investigações sobre questões relacionadas à história da disciplina na escola em que trabalham. Essa vinculação, de acordo com Nosella e Buffa (2009), pode contribuir para o fortalecimento do sentido de pertença à comunidade escolar.

A preservação da memória institucional pode se constituir em um mecanismo que, além de favorecer a criação de espaços de celebração da cultura escolar, possibilita a consolidação de parcerias profícuas entre os diferentes sujeitos interessados na matemática praticada na instituição. A comunidade escolar, pesquisadores e instituições de pesquisa que venham a acessar fontes documentais ali organizadas, visando a história da educação local/regional, estarão contribuindo para vitalizar a história das instituições escolares.

A implementação de práticas efetivas de organização e preservação documental pode trazer ainda outros benefícios para a escola, uma vez que a organização dos arquivos escolares favorece, de modo mais geral, a localização e consulta aos documentos existentes na escola, e facilitam o acesso a informações e estabelecendo uma relação de continuidade entre os arquivos históricos e os de uso corrente.

Do ponto de vista prático, também será exercitada uma categorização possível para a variedade de documentos comumente produzidos nas instituições de ensino, tentando refletir, em conjunto com os participantes, como os documentos oferecem indícios que podem ajudar na compreensão de algumas práticas educativas de matemática que circularam na segunda metade do século XX, no país.

### 3. Referências

FELGUEIRAS, M. L. Materialidade da cultura escolar. A importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. *Pro-Posições*. Campinas SP: Unicamp, v.16, n.1, (46), p. 87-102, jan.-abr. 2005.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas, n. 1, p. 9-43. Jan/jun 2001.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História: *História & Cultura*. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

NOSELA, P.; BUFFA, E. *Instituições escolares: porque e como pesquisar*. Campinas-SP: Alínea, 2009.

VALENTE, W. R. A matemática na escola: um tema para a história da educação. In: MOREIRA, D.; MATOS, J. M. (Org.). *História do ensino de matemática em Portugal*. 1 ed. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2005, v. 1, p. 21-32.

VIDAL, D. G. *Cultura e prática escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares*. In: SOUZA, R. F., VALDEMARIN, V. T. (Org.). *A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005, p. 3-30.